



Boom! Quando o romance fez estrondo

Isabel Lucas

Quatro escritores latino-americanos escrevem entre si e o resultado é um documento valioso sobre um dos movimentos literários mais poderosos do século XX. Chama-se *As Cartas do Boom*.



A 16 de Novembro de 1955, Carlos Fuentes, então com 27 anos, enviou uma carta ao já consagrado Julio Cortázar, argentino a viver em Paris, convidando-o para escrever na *Revista Mexicana de Letras*. Fuentes, filho de diplomatas, era director recente da publicação e estava a editar o primeiro número. Cortázar respondeu-lhe a 21 de Dezembro e juntou à carta um conto original, *Os Bons Serviços*. “Receio ser um tanto grande”, notava. Pedia uma leitura do texto, que classificava como “uma crónica inspirada em factos verídicos” protagonizado pela “criada de uma amiga”.

As duas missivas inauguravam um longo diálogo literário, mas também político, social, crítico, muito apaixonado que se prolongaria por 15 anos. A Cortázar e a Fuentes juntar-se-iam outros dois gigantes das letras latino-americanas, Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez. Estava completo um dos quartetos

mais brilhantes das artes do século XX naquela que se revelou umas das mais proficientes e estimulantes conversas epistolares da história da literatura, compilada em livro desde 2023, agora a conhecer versão portuguesa, com o título *As Cartas do Boom*. É o testemunho criativo de uma geração de escritores que ficou conhecida como a do *boom* literário latino-americano.

“Mestre Magnífico!”, clamava Carlos Fuentes, a 15 de Abril de 1966, numa missiva dirigida a Gabriel García Márquez, “as tuas primeiras 70 páginas de *Cem Anos de Solidão* são magistrais, e aquele que diga ou insinue o contrário é um filho da puta que deverá responder aos sangrentos punhais de longo alcance do jovem escritor gótico C. Fuentes. Kafka, Faulkner, Borges, Mark Twain: com essas páginas, querido Gabriel, ingressas na *no man’s land* dessas grandezas e dessas companhias”.

A 3 de Julho de 1967, Julio Cortázar respondia a Mario Vargas Llosa:

“Ainda que não muito de acordo com a tua teoria da minha influência sobre Antonioni, a tua crítica a *Blow-Up* agradou-me muito pela quantidade de linhas de fuga e aberturas que se estende em todos os sentidos. Vi o filme em Amsterdão, voltei a vê-lo em Paris e deixei-me pelas duas vezes bastante frio.” Cortázar reagia à adaptação por parte do cineasta italiano do seu conto *Las babas del diablo*, de 1959, numa carta que acabava a perguntar: “O teu romance avançou?”. Llosa ainda não tinha publicado *Conversa na Catedral* (1969).

Mais de um ano depois, a 12 de Novembro de 1968, García Márquez reagia, numa carta enviada também a Llosa, e tratando-o por Grande Chefe Inca, a uma crítica de Marta Traba (escritora argentino-colombiana, 1930-1983) à geração do *boom*. “A dessacralização do *Boom* parece-me saudável. (...) o drama dos que não gostam de nós é muito mais grave que o nosso, pois têm de

sentar-se a escrever melhores romances que os nossos, e aí estão lixados. Eu, pelo meu lado, estou até aos cabelos com o Gabriel García Márquez, farto de leitores de romances, de admiradores idiotas, de jornalistas imbecis, de amigos improvisados, e já me cansei de ser simpático e estou a aprender muito bem a arte de mandar as pessoas à merda. Viva Marta Traba!”

Pela amostra muito breve, *As Cartas do Boom* – com edição de Carlos Aguirre, Gerald Martin, Javier Munguía e Augusto Wong Campos, que assinam o texto de abertura em conjunto – não são só correspondência entre escritores. São um documento sobre como se constrói um fenómeno literário, a partir da relação entre quatro nomes centrais da literatura latino-americana: Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, Julio Cortázar e Carlos Fuentes. A leitura das 207 cartas que compõem este livro permite perceber como o *boom* foi muito mais do que

coincidência criativa. Foi estratégia, negociação editorial, política e desejo de consagração.

Egos, alianças e conflitos

No mundo da literatura, poucas designações têm tanto peso quanto o deste fenómeno editorial, e também estético, a que se chamou *boom*, um movimento que redefiniu a narrativa hispano-americana do século XX. Ler estas cartas é perceber muito da dinâmica e do génio associados ao que aconteceu na América Latina entre 1955 e 1975.

O termo *boom* não nasceu nas páginas literárias, mas nas jornalísticas. Começou a circular para dar nome ao impacto súbito – quase explosivo – da literatura latino-americana no mercado editorial global. Foi cunhado com tom de celebração e continha qualquer coisa de ambíguo. Soava a moda, a explosão passageira, mas os livros que o compunham resistiram ao tempo e provaram uma

densidade e fôlego singulares. Foi um “movimento” e um “momento”, como salientam os editores de *As Cartas...* no texto de abertura do livro, “o movimento mais utópico da (...) história moderna”.

Publicado originalmente em 2023, com organização crítica e contextualização histórica, o livro traz a correspondência, mas também entrevistas e documentos que ajudam a reconstituir o momento em que as cartas foram escritas. O conjunto mostra o lado menos visível do *boom*: os bastidores, os egos, as alianças e os conflitos.

Por exemplo, na carta citada acima, a de Márquez a Llosa, congela-se um acordo estratégico sobre um tema que permanece actual: “Já sabia, pelos teus editores, que estavas com um romance em mãos. Alegro-me muito saber pela tua carta que o fazes sem dificuldades materiais. Eu tinha-me comprometido com Cortázar a prevenir-te de que não o entregasses ao editor enquanto não nos puséssemos de acordo, todos, sobre a necessidade de reconsiderar os nossos direitos de autor. Explico-me: fazendo contas, Julio e eu chegámos à conclusão de que os editores ganharam uma fortuna tremenda com os nossos livros. O facto é que sempre temos assinado os contratos elaborados por eles e há que inverter os termos, de modo a que sejam eles que assinam contratos feitos por nós. Os 10% são um roubo, a participação dos editores nas edições de clube de livro e traduções é um roubo, o controlo dos editores sobre os números reais da tiragem é um roubo. Trata-se de nos pormos de acordo para modificar essas cláusulas leoninas, e não só em benefício dos escritores que vendem como de todos.”

Se o *boom* correspondeu a uma geração, foi uma geração construída não por uma afinidade estética absoluta, mas por convergências de talento, de oportunidade e de mercado. Os escritores sabiam disso – e *As Cartas do Boom* mostram como os seus autores estavam conscientes não apenas do lugar que ocupavam como da engrenagem em que estavam envolvidos.

No livro, vê-se como os autores partilhavam leituras, trocavam opiniões sobre editores europeus e americanos, disputavam traduções e discutiam o papel da literatura num tempo marcado por ditaduras, revoluções e exílios. É uma espécie de eixo do movimento revelado a partir de quatro dos seus nomes fundamentais. “Quando não estou a escrever não consigo fazer mais nada...”, confessa García Márquez numa carta a Llosa, em Outubro de 1966, tomado pela “neurose” da



escrita de *Cem Anos de Solidão*, “(...) ainda que a minha mulher e os meus filhos estejam a morrer à fome. Sento-me à máquina às nove da manhã e escrevo sem interrupção até às quatro da tarde. A essa hora, com a cabeça num tambor, não tanto pelo cansaço mas pelo cigarro, almoço qualquer coisa e trato de dormir até às seis. Depois começo a pensar no plano de trabalho do dia seguinte, tomando notas até depois da meia-noite.” Em Fevereiro de 1967, Carlos Fuentes pede notícias a “Gabo”: “MESTRE: Ainda que não te tenhas dignado responder-me – cabrão – sei que gostas de mim – cabrãozinho – escrevo-te antes que te evapore nas selvas do Orinoco e nas brumas do Plata.”

A partir destas conversas, fica claro que não houve manifesto, programa ou encontro fundacional do *boom* latino-americano. A geração a que pertencem estes autores, mais ainda Alejo Carpentier, Adolfo Bioy Casares ou Juan Rulfo, não nasceu de um gesto colectivo com intenção declarada. Foi sendo construída, sobretudo, ao longo da década de 1960, a partir da publicação de romances como *Rayuela* (de Cortázar), *Cem Anos de Solidão*, *La muerte de Artemio Cruz* (de Carlos Fuentes) ou *Conversa na Catedral*, que começaram a circular ruidosamente fora dos seus países de origem, a ganhar prémios internacionais e a chamar a atenção de leitores e editoras da Europa e dos Estados Unidos. Os autores estavam espalhados entre Bogotá, Buenos Aires, Cidade do México, Paris e Barcelona.

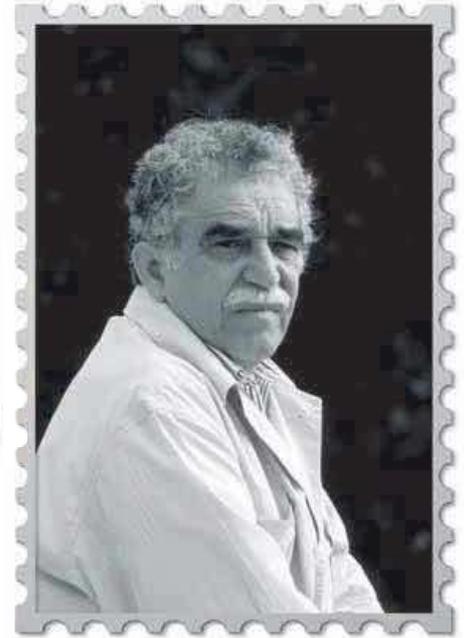
Foi, aliás, em Barcelona que o *boom* ganhou força enquanto fenómeno editorial. A cidade funcionava como centro de operações – um entreposto literário entre a América Latina e a Europa –, com o papel

decisivo da editora Seix Barral e, sobretudo, da agente literária Carmen Balcells. Ela representou vários destes autores, negociou direitos, traduções e edições internacionais, e soube construir uma rede à altura da ambição que os livros pediam. Eles escreviam de dentro e de fora da América Latina, com experiências de exílio, militância política e um olhar atento ao que acontecia tanto nas suas ruas quanto no resto do mundo.

Entre eles, Cortázar parece o mais atento ao que está em jogo. Questiona o impacto do sucesso comercial, mostra desconforto com o selo *boom* e mantém sempre uma relação crítica com o meio literário. García Márquez ocupa uma posição central, mas não se expõe tão intimamente e apaixonadamente nas cartas. Fuentes é o mais diplomático e cosmopolita. Quanto a Vargas Llosa é, desde cedo, o mais interessado na afirmação individual, algo que se confirma na sua trajectória posterior, a dada altura tão próxima do campo político quanto do literário.

Escrevem os editores: “O ‘novo romance’, assim definido por Fuentes [numa alusão ao *nouveau roman* francês transposto para a América Latina] passou a chamar-se *Boom*, quando em 1966 Luis Harss o rebaptizou nas páginas da *Primera Plana*, de Buenos Aires. O impulso de *Cem Anos de Solidão* em meados de 1967 faria o resto...”

Já se intui que as cartas não são apenas testemunhos de amizade. São também registos de tensões ideológicas que, mais tarde, iriam quebrar algumas das relações entre eles, como se viu com o célebre afastamento a soco entre Vargas Llosa e García Márquez. Lidas hoje, deixam ver o processo de transformação de



Da esquerda para a direita: Mario Vargas Llosa, Julio Cortázar, Carlos Fuentes e Gabriel García Márquez

quatro escritores em figuras globais, com tudo o que isso implica: perda de anonimato, entrada no circuito mediático, ajustamento às lógicas do mercado.

Tem um valor documental claro, mas a maior riqueza de *As Cartas do Boom* está no modo como permite pensar o lugar da literatura no mundo contemporâneo, mostrando um tempo em que os escritores acreditavam que os livros podiam intervir na realidade. O diálogo entre eles fazia parte desse processo em que escrever não era apenas um gesto individual, mas uma forma de participar no debate cultural e político.

García Márquez para Vargas Llosa: “o drama dos que não gostam de nós é muito mais grave que o nosso, pois têm de sentar-se a escrever melhores romances que os nossos, e aí estão lixados”



As Cartas do Boom
Julio Cortázar, Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa
(Trad. João Rodrigues)
D. Quixote

